



ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida

A Dimensão Cultural do Pescador - A influência do mar na organização social e na mundivisão da comunidade piscatória da Nazaré

TRINDADE, José Maria

Mestre em Ciências da Educação, Especialização em Educação e Diversidade Cultural

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

jmtrindade@esel.ipleiria.pt

Resumo

Neste artigo, é apresentada a comunidade piscatória da Nazaré, uma vila piscatória no centro litoral de Portugal. A Nazaré, desde o princípio do século XX apresentada ao mundo como a mais típica praia portuguesa devido à imponente paisagem física e ao exotismo da paisagem humana, é aqui revelada nos seus aspectos menos visíveis, e que mostram a importância do mar como arquétipo estruturante da vida e cultura nazarenas : uma organização social e uma dinâmica familiar em que a mulher assume o comando; uma mundivisão marcada pela nítida separação entre o mar e a terra, que se estende da divisão da divisão sexual do trabalho aos mitos de origem.

Palavras-chave: pescadores; cultura; identidade; matrifocalidade; mundivisão.





1. Apresentação da comunidade piscatória

A Nazaré é uma vila de tradição piscatória, com pouco mais de 9000 habitantes, situada na costa atlântica a cerca de cem quilómetros a norte de Lisboa e sede de um pequeno concelho com 15060 habitantes.

As referências à ocupação humana da Praia da Nazaré só surgem a partir da segunda metade do século XVI, quando os pescadores, construtores navais e gente ligada ao comércio marítimo iniciou a ocupação do espaço deixado pelo mar, na sequência do assoreamento da entrada da lagoa da Pederneira.

Entre a comunidade piscatória da Nazaré não há hoje em dia memória desta origem no lugar mais antigo e mais óbvio. É ideia corrente no seio da comunidade piscatória que os nazarenos são descendentes dos pescadores de Ílhavo que em

meados do século XVIII ali se vieram estabelecer. Sabe-se que durante o século XVIII a Ria de Aveiro esteve sujeita a grande assoreamento, que trouxe grandes dificuldades à actividade piscatória. Por outro lado, os pescadores de Ílhavo gozam da fama de povoadores em toda a costa portuguesa. Embora existam referências à presença de uma comunidade de pescadores de Ílhavo no século XVIII na Praia da Pederneira – como era na altura designada a Praia da Nazaré – pouco se sabe sobre a dimensão da mesma. Um historiador local, José Pedro, (cf. Trindade e Penteadó, 2001: 88) defende a tese de que os *ilheos*¹ foram os primeiros ocupantes da Praia.

« *“humildes pescadores vindos da costa de Ílhavo”* que para ali se *deslocaram cerca de 1765, pertencendo-lhes, em 1780, “um número razoável de cabanas de madeira [...] construídas sobre estacas* ⁱⁱ – *à moda do norte – e localizadas em fileiras, à frente, desde a quina sul da Praça Sousa Oliveira para o lado Sul, e pouco mais de meia dúzia de casas térreas [...] situadas ao norte, no interior encostadas à ladeira do “sítio”*» (cit. in: Trindade e Penteadó, op. cit.: 88).

A partir de finais de século XIX a Praia da Nazaré vai conhecer um crescimento notável, apoiado no turismo e na pesca. Se na pesca chega a atingir valores que a colocarão em quarto lugar no conjunto dos portos nacionais (Fernandes, 1946) o turismo provocará o aparecimento de um conjunto importante de infraestruturas desde hotéis a obras de grande dimensão para a época, como o ascensor que vai unir a Praia e o Sítio. Esta dualidade vai marcar não só a economia, mas também a sociedade nazarenas. Os ritmos de vida da comunidade passam a ser determinados pelo forte contraste entre a azáfama do Verão, com a actividade da pesca, que mantinha as famílias dos pescadores ocupadas noite e dia, dando à praia um colorido e uma agitação permanentes, com barcos que varavam ao mar e outros que encalhavam, com mulheres carregando à cabeça os cabazes de sardinha, ou pescadores remendando as redes ou iscando os anzóis sentados entre os barcos na praia. À agitação normal da actividade piscatória durante o Verão juntava-se a confusão que a chegada de milhares de turistas sempre trazia. Chegado o fim do Verão, partiam os turistas, e as saídas para o mar tornavam-se mais irregulares. Os barcos eram arrastados para o largo principal da Nazaré, a Praça Sousa Oliveira, para não serem levados pelo mar. A azáfama do Verão na Praia dava lugar à tranquilidade do Inverno.

A modernização, a democratização do país, o alargamento da escolaridade e a perda progressiva do peso da pesca em favor do turismo implicaram uma subida do nível de vida da maior parte das famílias, abalando a organização social da velha comunidade piscatória da Nazaré e a diluição das rígidas fronteiras de classeⁱⁱⁱ que marcavam a separação entre a gente do mar e a classe média local, os *pés-calçados*^{iv}.

Na Nazaré cruzam-se na estrutura social duas clivagens fortes: uma que assenta na oposição entre mar e terra, sobre a qual os indivíduos constroem a sua identidade de grupo e uma mundivisão particular; e outra que assenta no estatuto económico das famílias, quer entre as famílias marítimas, quer dentro da vila considerada globalmente.

Na Nazaré o lugar do indivíduo é sobretudo determinado em função do estatuto económico da sua família.



A mobilidade social que caracteriza a sociedade nazarena actualmente, e que assenta nos novos saberes adquiridos através da escolaridade prolongada, choca com uma visão tradicional que hierarquiza os indivíduos de acordo com a sua pertença familiar.

Os pescadores da Nazaré referem-se frequentemente a si próprios, enquanto grupo, como classe, no sentido de grupo profissional. Por vezes usam a designação de classe pobre, destacando a dimensão económica na sua definição. Neste sentido, parecem excluir os mestres mais ricos, revelando uma consciência de classe, e uma oposição aos mestres-armadores, que nasce da consciência da grande desigualdade na distribuição dos rendimentos da pesca. Tal como Weber (1947) defende, é o factor económico que cria a classe. Contudo as diferenças de níveis de riqueza entre mestres e pescadores não implicam diferenças na sua mundivisão.

A classe piscatória, enquanto determinada por caracteres qualitativos e não apenas quantitativos inclui também os mestres, e aproxima-se mais do conceito de comunidade. Como o número de mestres com capacidade para se juntar à classe média local sempre foi muito reduzido, a grande maioria dos pescadores sempre olhou para a classe-média, de funcionários públicos, de comerciantes e doutores, os *pés-calçados*, como o grupo social mais importante e poderoso da terra. Como Redfield observou a propósito do campesinato, a subordinação cultural a uma elite urbana é tão importante na sua definição como é a subordinação económica:

«(...) qualquer camponês se apercebe que a sua dignidade e a sua satisfação são matizadas pelo conhecimento de que ele é mais pobre e mais rude que a elite, aquelas pessoas que vivem nas cidades» (Redfield, 1960, II: 75).

Alguns mestres chegam mesmo a defender a necessidade de uma certa distância dos *camaradas*^v, justificando com a necessidade de salvaguardar a autoridade que seria depois necessária dentro do barco. Entre os próprios pescadores, sempre houve um grupo reduzido, contramestres e motoristas, que gozou de um estatuto superior perante os outros, e são considerados mais próximos do mestre. Comparáveis em prestígio, derivado do que os nazarenos consideram *uma vida bonita*^{vi}, por oposição à vida dura e de ganhos irregulares do pescador local, estão os embarcadiços, cujas famílias sempre exibiram perante as restantes famílias marítimas melhor nível de vida, comparável à da classe média local.

Entre os embarcadiços não era o mesmo andar na marinha de pesca, na marinha mercante ou num petroleiro. A cada uma destas categorias equivalia um rendimento e um prestígio diferentes. Sobretudo entre os que trabalhavam na marinha de pesca, na pesca do bacalhau nos mares da Terra Nova e da Gronelândia, e no Cabo Branco – costa da Maurítânia – e os marinheiros mercantes, havia e uma distinção importante. Os marinheiros mercantes eram sem dúvida os mais ricos, e os mais aburguesados.

Algumas famílias são consideradas párias pela restante comunidade piscatória, vítimas de um tratamento semelhante ao que é reservado às castas impuras no sistema de estratificação indiano (Dumont, 1961). Os outros nazarenos evitam todo o contacto com os membros deste clã. Condenados a viver na margem da sociedade, acabam por aparecer aos outros como marginais. Acusados de violentos, e de não viverem de acordo com as regras morais da comunidade, são na sua maioria muito pobres, vivendo muitos em barracas na antiga periferia da vila, hoje rodeada por novas urbanizações. A marginalidade social e a marginalidade geográfica são quase sempre coincidentes.

2. A cultura dos pescadores como contracultura

Embora se tenha presente que a descontinuidade cultural deve ser procurada no tempo e não no espaço, é preciso ter em conta a dinâmica das relações entre as comunidades agrícolas e as piscatórias por um lado, e as relações de classe entre pescadores e *pés-calçados* por outro, para perceber a cultura dos pescadores da Nazaré.



Uma abordagem relacional da cultura permite compreender como o contacto continuado entre grupos sociais vivendo em proximidade pode não levar a uma igualização cultural, mas antes, a enfatizar o que distingue. É esta dimensão relacional que nos dá uma perspectiva dinâmica da cultura e nos permite perceber como, não só os indivíduos, mas também os grupos humanos, dialogam entre si por meio das práticas culturais num jogo de oposições simbólicas, o que permite ultrapassar a querela entre concepções objectivas e subjectivas de cultura.

Esta abordagem permite-nos falar da cultura dos pescadores como uma cultura popular, de classe, ou como uma contracultura. Contracultura no sentido de cultura de um grupo dominado por oposição à cultura dominante, assente no valor e posse da terra como critério determinante de prestígio e poder (Sally Cole, 1994). Neste aspecto é útil, para perceber como os grupos dominados reagem ao poder dos grupos dominantes, recorrer à análise de Foucault (1994) na História da Sexualidade. Diz Foucault que

«não existe, no princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados [...]. Deve antes supor-se que as relações de força múltiplas que se formam e actuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos, nas instituições, servem de suporte a largos efeitos de clivagem que percorrem o conjunto do corpo social» (1994: 97).

O que caracteriza, portanto, segundo Foucault, quer o poder, quer a resistência ao poder é o seu carácter difuso. Tanto a resistência como o poder estão *«em toda a parte»* (*idem*: 96). Contudo, quando falo de cultura dominada e de cultura dominante, faço-o em sentido metafórico, pois o que existe, tal como Marx e Weber afirmaram, é um grupo dominante e um grupo dominado (Cucho, 1999:104). Por outro lado, cultura dominada não significa cultura alienada: Observam-se desfasamentos entre os efeitos da dominação cultural e os da dominação social (Grignon e Passeron, 1989).

Nas regiões rurais envolventes é tido como certo que os nazarenos não são apenas culturalmente diferentes. Um dos mais reputados folcloristas portugueses dá expressão a este sentimento ao falar da Nazaré nos seguintes termos:

«Na área administrativa da Estremadura, a Nazaré é, do ponto de vista etnográfico, isto é, etnológico e folclórico, quase que uma “ilha”, desde os trajes, a linguagem e as normas sociais e morais por que se regem, à música e às danças e, até, a alguns usos e costumes, a gente da Nazaré constitui um grupo etnocultural sui generis: o seu folclore é restrito quase que ao concelho e praticamente não se expande para além dele... facto que talvez se deva a uma possível ancestralidade pré-histórica (qualquer núcleo populacional marítimo e mediterrânico que ali se terá fixado) e certamente se deve à fixação ali de núcleos piscatórios e marítimos da Beira Litoral e nortenhos» (Ribas, 1988: 275).

O poder de classificar leva à etnicização dos grupos subalternos^{vii}. São identificados a partir de características culturais exteriores, consideradas como se lhes fossem consubstanciais e, por isso, quase imutáveis. O que fornece o argumento que justifica a sua marginalização. São demasiado diferentes para poderem ser plenamente associados à condução da sociedade.

Como vemos, a atribuição de diferenças significa menos o reconhecimento de especificidades culturais que a afirmação de uma superioridade por parte de quem as atribui. Embora não seja o caso da comunidade piscatória da Nazaré, não deixa de haver algum fundamento nesta apreciação dos pescadores. Na comunidade piscatória da Nazaré, a endogamia era até há cerca de trinta anos quase obrigatória. Se um filho ou filha de pescadores casasse com alguém de fora da terra, dizia-se que era por não conseguir arranjar par na própria terra. A elevada taxa de endogamia, reforçada pela estigmatização dos pescadores pela cultura dominante assente na posse da terra como fonte de prestígio e de poder, acabava por promover a prevalência de determinadas características fenotípicas nas comunidades mais isoladas.



3. Etnopsicologia dos pescadores

Entre as famílias piscatórias mais pobres, o rapaz era desde muito cedo posto literalmente na rua. As mulheres não gostavam de ver os filhos “*enconados*”^{viii} em casa. Os rapazes passavam a infância despreocupada dias inteiros fora de casa, brincando na praia ou concentrando-se no largo mais próximo, e só regressavam quase à noite para jantar, para sair logo de seguida e continuar a brincadeira. Ainda hoje podemos observar os filhos das famílias piscatórias deambularem pela rua, de manhã à noite, usufruindo de uma liberdade que as crianças da classe média não conhecem. A propósito do modelo de educação da criança do meio rural – e que se pode aplicar à criança do meio piscatório -, Moisés Espírito Santo diz que

«visa a autonomia individual, pelo jogo criador, pelo ritual festivo, sobretudo, pela integração da criança no mundo e no trabalho dos adultos, fazendo-se coincidir a idade da emancipação social com a idade da emancipação biológica, por volta dos catorze anos^x; o modelo urbano não visa a autonomia dos indivíduos e menos ainda o desenvolvimento das suas potencialidades criadoras; procura sobretudo os jovens numa relação familiar e torná-los objectos de afectos serrados e, podíamos dizer, egoístas» (1984: 233).

Este comportamento é também referido por Celeste Malpique (1990) na comparação entre as crianças do meio piscatório ou filhos de embarcações e as crianças cujos pais trabalham em terra.

«Os filhos dos emigrantes [embarcações] e dos pescadores, como sabemos, estão mais integrados na vida comunitária; os rapazes fazem vida bastante livre, na rua, as meninas cedo são integradas nos trabalhos domésticos e conduzidas para o estereótipo sexual feminino tradicional» (Malpique, 1990: 214).

Entre os pescadores da Nazaré, o padrão de comportamento machista e o chauvinismo que Willis (1977) descreve a propósito dos operários ingleses é substituído por uma postura mais tranquila, mas em que os valores da coragem – o medo do mar era um dos estigmas que mais fragilizava a imagem do pescador porque atingia um dos atributos fundamentais simultaneamente definidor da sua virilidade e da sua capacidade para suportar uma família -, a resistência física^x, o conhecimento das artes da pesca e dos mares, que podia ser avaliado pelo sucesso na pesca, e o gosto pelo trabalho eram as qualidades mais importantes. Este *ethos* piscatório promove os valores da masculinidade, como a coragem, a dureza e a responsabilidade, mas não estão necessariamente associados com as manifestações de machismo e chauvinismo de que fala Willis.

A reflexão seguinte sobre o mar por parte de um nazareno é reveladora da forma como estes o vêem:

“O mar é quase um ser vivo pra nós. O mar é um homem que tem vários estados de espírito: um dia tá como tá hoje, tá bem disposto; outro dia é um desgraçado, tá mesmo ruim. O mar é um cão! - como a gente costuma dizer. [...] a gente costuma dizer: “com o mar na se brinca”, “é um gajo falso [...]”, “olha que ele...”. E porque é que na se brinca? Porque ele é falso, ele é manhoso, tem os seus caprichos [...]”

César, 33 anos

A comunidade, ao permitir aos rapazes encontrar figuras masculinas de substituição permite-lhes ultrapassar a fase crítica da puberdade e adolescência. É a isto que se refere Moisés Espírito Santo (*op. cit.*: 233) quando refere que, ao contrário do que se passa em meio urbano - meio estudado por Willis (*op. cit.*) -, a estrutura familiar e as relações de vizinhança do meio rural - e piscatório -, o parentesco ritual e uma concepção de família que se confunde com a comunidade alargada, permitem à criança equilibrar os desejos parasitários em relação à mãe.

«Tendo nós demonstrado que o sistema religioso popular português se baseia no desejo da predominância dos valores femininos sobre os masculinos, deduzimos que a sociedade que engendra essa visão religiosa é de cariz ginocrático. Dado que esses valores religiosos põem em jogo conflitos parentais sublimados em prejuízo do pai, deduzimos que o seu tipo de família é matrifocal (consequência da ginocracia) isto é, em que a mãe é a figura principal, o motor ou o foco donde irradiam os valores familiares sendo a imagem do pai algo de secundário e até, «perturbador»; um pai ausente ou que se emite do papel de educador e de iniciador dos filhos à vida adulta. Estamos perante uma cultura cuja personalidade de base se tem caracterizado pelo desejo de assistência e pelo parasitismo, que tem, sem dúvida, origem num modelo de educação familiar marcada pela presença assídua da mãe, ou pelo contacto estreito com a mãe, e pela superprotecção familiar» (Santo, 1984: 231).

A análise que este etnólogo faz da sociedade rural portuguesa coincide no essencial com a análise que Celeste Malpique (*op. cit.*) faz sobre os pescadores da Afurada. A forte dependência dos rapazes em relação à mãe, associada à ausência do pai - no caso dos embarcações - ou à sua desvalorização, devido ao fraco poder económico do pescador local, o alcoolismo e a violência doméstica – levam o rapaz a



assumir comportamentos defensivos, que passam pela recusa de manifestação de sinais de afecto ou de dependência, e por um comportamento agressivo como demonstração de virilidade. Estes comportamentos tendem a ser tanto mais violentos quanto mais desvalorizada ou ausente é a figura do Pai.

Uma das características mais notáveis da Nazaré aos olhos de quem vem de fora, é a forte personalidade das mulheres nazarenas, e sobretudo a sua visibilidade na vida da comunidade. São de facto as mulheres dos pescadores quem assume a condução das suas famílias, a resolução dos seus problemas, quer se trate de questões legais ou patrimoniais, quer se trate das questões tradicionalmente atribuídas às mulheres, como o tratar da casa e dos filhos. Os pescadores, pouco mais fazem que tratar dos assuntos da pesca. Este tipo de organização familiar, em que a mulher assume o papel de chefe de família designa-se por matrifocalidade.

Até aos anos oitenta, eram frequentes entre os filhos dos pescadores os casamentos por fuga. Esta fuga era geralmente feita para uma povoação próxima, onde o jovem casal ficava por dois ou três dias; ao fim desse tempo regressava à terra, onde eram acolhidos pela família do rapaz. Iniciava-se então um processo de negociação entre as famílias, de forma a que o casal fosse aceite pela mãe da rapariga. Quando isto acontecia, o casal passava a residir em casa dos pais da rapariga. Este tipo de residência uxorilocal mantinha-se por vezes durante alguns meses até se arranjar uma casa pequena na vizinhança, juntando-se então o novo agregado a um grupo de agregados relacionados por via materna, vivendo na proximidade uns dos outros. Desta forma, o sistema de residência uxorilocal acabava por promover uma maior proximidade e solidariedade entre parentes maternos, e o afastamento dos parentes paternos. Não se podendo falar de linhagens, pode contudo dizer-se que na Nazaré os pescadores têm uma relação muito mais próxima com os parentes maternos do que com os paternos, chegando mesmo a desconhecer muitos dos seus parentes próximos por via paterna.

Actualmente, o êxodo das famílias nazarenas para as novas urbanizações que vão crescendo nos subúrbios não impede que as mães e filhas mantenham o mesmo elo, deslocando-se ora as mães para junto das filhas, ora ambas para os novos apartamentos. Em consequência deste processo, as velhas casas dos pescadores na zona baixa da vila, junto à praia, têm vindo a ser ocupadas pelo comércio.

Na sociedade tradicional dos pescadores, que sobreviveu praticamente até ao fim dos anos setenta, mal o rapaz começava a trabalhar e a ganhar algum dinheiro, começava o namoro que pouco tempo depois terminava no casamento por fuga. Por vezes, era preciso esperar que a rapariga, já grávida, completasse os dezasseis anos para poderem casar. O rapaz abandonava a família materna mas era imediatamente absorvido pela família da esposa. A sogra substituíra a mãe, e era mais tarde substituída pela própria esposa. É muito frequente a sogra elogiar e dar maior atenção e apoio ao genro do que ao filho.

Nesta constelação familiar, a imagem masculina que servia de referência ao rapaz era a imagem do avô. Como podemos confirmar pelos testemunhos dos entrevistados, na ausência dos pais, devido à pesca ou à emigração, as crianças ficavam ao cuidado dos avós. Mesmo entre aqueles que não tiveram que se ausentar, os avós – especialmente os maternos - tinham uma influência muito grande junto dos netos, quer em virtude da tendência matrilinear do parentesco entre as famílias piscatórias e do sistema de residência uxorilocal¹⁰, quer mais tarde pela circulação dos pais, quando viúvos, pelas casas dos filhos.

Não significa isto contudo que não se deva respeito ao pai. Mas este pai sempre invocado em caso de necessidade de repreensão dos filhos é bem aquilo que Lacan designa por o *Nome do Pai*.

«É no Nome-do-Pai que temos de reconhecer o suporte da função simbólica que, desde as margens dos tempos históricos, identifica a sua pessoa com a figura da Lei...» (David, 1977: 105).

É o pai simbólico e não o pai real. Porque este é de facto um presente ausente. Isto mesmo é especialmente evidente nas respostas dadas pelos entrevistados a propósito do papel do pai na educação:

O pai “era pouco responsável” em relação à mãe: “Bebia, embebedava-se e depois punha-os na rua e fechava a porta à chave. Tinham que esperar que ele adormecesse para poderem entrar em casa”.

Mário, pescador, 39 anos

A Leonor, sobre o pai, diz: “era muito bom; nunca se opunha às decisões da mãe; estava quase sempre ausente”. A mãe é que “fazia de mãe e de pai e decidia tudo sozinha”.

Leonor, professora, 41 anos

“O meu pai, esse aí é que não apanhava nada. Era a pesca, ia pó mar, vinha à noite. Ali em minha casa, e na casa desse pessoal [da pesca], quem mandava era sempre a mãe. O meu pai nunca tava em casa, tava



no mar, a nha mãe tinha de ir fora^{xii}[...]. O mê pai na me dizia nada, era uma pessoa muito desligada, por isso é que eu te digo, as coisas que se faziam era mais a nha mãe que fazia ...”

Victor, 37 anos, empregado de escritório

A importância da mulher da Nazaré na vida social e familiar e a sua exuberância contrastante com a postura mais discreta do pescador em terra, servem às populações rurais, neste jogo de espelhos que é o processo de identificação e de identização para afirmar a sua diferença em relação à Nazaré, num discurso etnocêntrico que desvaloriza o homem da Nazaré.

Sally Cole descreve algo de semelhante a respeito da imagem dos agricultores sobre as mulheres dos pescadores de Vila-Chã.

«A relativa evidência e autonomia das mulheres do mar contribuíram para a estigmatização das famílias dos pescadores, bem como para o desenvolvimento de diferentes padrões ligados ao casamento que afastaram ainda mais os pescadores dos lavradores. As mulheres das casas marítimas dirigiam a economia doméstica e eram vistas na freguesia quando iam trabalhar na apanha das algas ou na venda do peixe. Em contrapartida, as mulheres das casas de agricultores abastados só raramente eram vistas; permaneciam isoladas em casa enquanto os seus maridos supervisionavam a produção agrícola familiar» (Cole, op. cit.: 62-63).

A desvalorização da figura paterna é contudo compensada pela sobrevalorização da Imago do pescador, e o recurso frequente à memória dos feitos dos antepassados; em especial a figura do avô com quem se conviveu na infância, e que após o seu desaparecimento será transformado num herói mítico. A criança cresce ouvindo histórias cheias de aventuras, em que o avô deu provas de coragem e de sacrifício, defrontando quer os poderes naturais, como o mar, quer defrontando os poderes sobrenaturais. Mas o passado em que ocorrem estas histórias remete para uma concepção do tempo, ao mesmo tempo histórico, porque são contadas como ocorrências vividas por figuras e lugares familiares de que a comunidade guarda a memória viva; e são, por outro, narradas como ocorrências passadas num tempo mítico, fora da história, “o tempo em que Deus andava pelo mundo”. O avô assume assim aos olhos da criança, uma dimensão heróica, em tudo semelhante a uma figura lendária.

A importância do avô na família piscatória pode ser confirmada pelos testemunhos seguintes:

“Era eu pequenino ia às costa do mê avô pá Foz, ia pescar com o mê avô, ia às redes do arrasto com o mê avô, com o João da Vidinha, ajudava a meter aparelho^{xiii} ao mê pai, e de repente uma pessoa começa a ir pó Ciclo^{xiv}. Mas por que é que uma pessoa é criada à beira-mar, andava com o avô nas tabernas, com o avô a falar de mar, eu tinha gosto de saber já entralhar^{xv} anzóis, eu adorava tar nas lanchas e ver as lanchas, eu sentia já aquele orgulho de saber meter aparelho e pensava: daqui amanhã vou ser, se calhar, pescador, e quero ser um bom pescador. [...] O avô transmite uma ideia diferente. O mê avô gostava. Ensinava-me a fazer barquinhos. O mê avô dava-me pas mãos, se eu na sabia fazer bem o aparelho^{xvi}, se eu na sabia entralhar um anzol como deve ser”.

César, 33 anos, embarcado

A imagem desta figura masculina ideal, com a qual a criança convive ou conviveu de perto, e que representa o Pai ideal, corajoso, abnegado e justo, transmitida pelo próprio pai, permite-lhe construir um eu flexível, pela confrontação entre essa Imago ideal e o pai real. Por outro lado, a vida do pescador é ao mesmo tempo valorizada como uma vida digna e capaz de satisfazer na criança a criação de uma identidade masculina. Uma das histórias mais importantes da tradição oral dos pescadores e que representa, também, a memória da participação da comunidade na epopeia das descobertas, é a do “Pescador que foi à Índia numa Noite^{xvii}”.

Numa noite rigorosa de Inverno, andava um pescador a correr a costa. O mar estava um leão, e fazia muito vento. Como não apanhava nada, pôs-se a caminho de casa. Estava escuro como breu. Ao passar ali ao pé duma taberna, ouve o som de instrumentos e vozes a cantar. Espreitou pela fechadura, e viu um grupo de bruxas a dançar de volta do diabo. Nisto, o diabo exclama: “Cheira-me aqui a carne humana!” Ao ouvir isto, o pescador foge cheio de medo para a praça Sousa Oliveira onde estavam os barcos, e salta para dentro de uma barca; esconde-se debaixo de um paneiro. O diabo persegue-o, e acompanhado das bruxas salta para dentro da barca. E sem saberem que o pescador estava lá escondido, foram pelo mar fora, e “por cada remada, eram sete léguas de andada”. Foram à Índia numa noite.

No dia seguinte, o pescador contou na taberna o que se tinha passado. E como não queriam acreditar ele mostrou-lhes uma cana-da-índia como prova de que lá tinha estado.



Um naufrágio ocorrido em 1903, e que é contado aos serões, com contornos épicos é o do “Bonfim”. Esta história, muito difundida entre os pescadores refere-se à odisséia da tripulação, que tendo sido dada como desaparecida, foi salva por um vapor espanhol, e levada para *Catres*^{xviii}. Na Nazaré só se soube da notícia alguns dias mais tarde. Esta história mostra-nos como um acontecimento, mesmo histórico, não precisa de muito tempo para entrar no domínio da lenda. Na ausência da memória escrita – ainda que haja notícia dos acontecimentos, a maioria dos pescadores não tiveram acesso a esse registo -, a comunidade apropriou-se do acontecimento da mesma forma e com os mesmos propósitos com que integra os mitos, integrando-o no corpus de narrativas que remetem para um passado que, neste caso, e ao contrário da récita anterior, é percebido como algo de muito antigo.

A idealização da figura masculina é também feita em fados que cantam a vida do pescador. Estes fados, criados para serem cantados durante a exibição de *cegadas*, no Carnaval, são integrados no cancionero local, e cantados em ocasiões festivas, como nos casamentos.

A glorificação do pescador e do seu modo de vida é também feita através das histórias que velhos pescadores contam nas tabernas, e onde os mais novos gostam de ficar a ouvir horas a fio.

“Durante dois anos eu fiz a barba regularmente ó pé do Virgoline, fiz a barba ó pé do Tonh Vapor, leões do mar, fiz a barba ó pé do ti Francisco que andou uma vida inteira plas traineiras de Matosinhos e que era capaz de tar duas horas a falar sem ninguém lhe dar a mínima atenção [...] As histórias eram contadas com muita minúcia e pormenores, [...]. A minha cabeça está cheia dessas histórias”.

Jaime

“[...] um grupo de malta nova que se juntava com os pescadores [na taberna do Tonho d’Aleuia, e [...]] tínhamos prazer de os tar a ouvir; porque aquilo eram enciclopédias de vivência [...] E tínhamos nessas pessoas grandes mestres”.

Orlando

A descrição que Celeste Malpique (1990) faz da comunidade piscatória da Afurada, na Foz do Douro, e a divisão entre pescadores e emigrantes (os embarcações) é em tudo idêntica à situação que encontramos na Nazaré. As hipóteses que coloca no final do seu ensaio sobre a ausência do pai são pertinentes para a abordagem que proponho:

«Um pai ausente por força da emigração ou pela sua actividade profissional, mesmo que essa ausência não seja muito prolongada, dá uma qualidade particular à relação e à dinâmica familiar.

Não é um pai morto, mas também não é um pai próximo no diálogo e no confronto. Será antes um pai imaginário que não permite a construção de uma Imago parental que ofereça um sólido esteio de referência identificatória.

O luto desta Imago parental far-se-á com mais dificuldade, não porque seja excessivamente idealizado e leve a um ideal do EU megalómano, como acontece com adolescentes com pais exigentes, castradores ou afectivamente distantes.

Mas no caso particular que nos ocupa, há um aspecto particular psico-sociológico a considerar. Com efeito, pensamos que o luto desta Imago será difícil porque o pai ausente é uma construção, não apenas do adolescente, mas da mãe e da comunidade – é um ideal do grupo.

O pai é um herói que tem de estar fora para ter poder, é aquele que a mulher e a comunidade vangloria e sacrifica, para sobreviverem. Quando ele voltar será festejado, o seu narcisismo fálico terá oportunidade de se fortalecer, pelo prestígio e poder económico, mas não deixará de ser um herói sacrificial» (Celeste Malpique, 1990: 261).

A figura do Pai nas famílias piscatórias e nas famílias de embarcações não é percebida de igual forma, e essa diferente forma de construção da Imago parental é relevante na formação da personalidade dos filhos. Na Nazaré, se entre a grande maioria das famílias piscatórias, a imagem do pai era uma imagem desvalorizada, entre os embarcações essa imagem é idolatrada.

O pescador da Nazaré sente-se literalmente como peixe fora de água nas questões que não tenham a ver com a actividade da pesca; pelo que deposita na esposa todas as responsabilidades que envolvem a vida em terra, ao ponto de não ser capaz de ir por si resolver as coisas mínimas: quer se trate de uma ida ao médico, ao banco, ou para comprar uma peça de roupa, é a mulher que trata de tudo. O pescador é «*uma criança*»^{xix}.



Há quem se fique por explicações um tanto ou quanto vagas, «*não sabem porque sentem essa dificuldade de adaptação*». Moisés Espírito Santo recorre a uma abordagem etnopsicanalítica para interpretar esta dependência e nostalgia da Mãe nas comunidades piscatórias a partir da religião dos pescadores:

«A Senhora dos pescadores representa tanto a terra segurizante como a mãe carnal ou a esposa que fica em terra, enquanto os homens se aventuram sobre as ondas. É uma mulher e uma mãe atormentada.[...]»

A presença exclusiva desta personagem feminina na religião dos pescadores está ligada à cultura específica deste meio, de tendência ginocrática. [...] Estando o pai ausente e constantemente ameaçado, as crianças fazem incidir a sua atenção exclusivamente sobre a mãe» (1984: 104-105).

Esta incapacidade de libertação do meio da infância, securizante e maternal, que leva à incapacidade de adaptação e ao desejo permanente de voltar por parte daqueles que estão fora da Nazaré, foi notavelmente expressa pelo Nelson, um pescador jovem para quem a Nazaré “*parece um berço de aconchegue, é um recanto, eu acho que é um magnetismo qualquer que há aqui,[...] Limita as pessoas, o leque de opções fica reduzido precisamente por essa afetividade, por estar preso aqui. [...] Porque isto é um sentimento generalizado por malta da minha idade*”.

4. Uma mundivisão piscatória

A mundivisão tradicional dos pescadores é marcada por uma rigorosa separação entre o mar e a terra. Separação esta reforçada por uma realidade que acentua a dicotomia masculino-feminino, quer na divisão do trabalho, quer na arrumação simbólica do cosmos e do espaço social. O Mar e a Terra funcionam para os pescadores da Nazaré como arquétipos fundamentais na sua mundivisão.

Nas casas dos pescadores não se misturava a carne e o peixe na mesma refeição. Esta prática evoca crenças e práticas semelhantes entre os esquimós, que também tinham uma concepção dualista do universo, resultado de um modo de vida caracterizado por um contraste total entre o Verão, em que as famílias se dispersavam para se dedicarem à pesca, e o Inverno, em que se concentravam em terra (Mauss, 1904). Segundo os pescadores nazarenos, a mistura dos dois alimentos provocava bichos na barriga. Os bichos estão associados à matéria putrefacta e à impureza. Impureza que resulta da confusão de categorias (Douglas, 1981) e do perigo de se juntar o que para a cultura piscatória deve manter-se separado: o que pertence ao Mar e o que pertence à Terra.

Esta dicotomia é estruturante da mundivisão da comunidade piscatória da Nazaré confirmada pelos mitos de origem, e pela rígida divisão sexual do trabalho. Estes mitos, situados no “*tempo em que deus andava pelo mundo*” acentuam uma oposição muito marcada entre a terra e o mar, o masculino e o feminino.

“Um dia o Senhor precisou de vir cá baixo à terra. E disse: - Olha São Gregorino, agora ficas no meu lugar que eu vou dar uma visita à terra.

Nosso Senhor veio à terra e quando subiu ó céu pra se sentar no lugar dele, ele não quis dar a cadeira ó Senhor... São Gregorino é o diabo. – Dá –me o meu lugar São Gregorino! Eu emprestei-to, não to dei. – Ele antão disse pó senhor: - Quem vai ó mar perde o seu lugar. – Disse ótra vez o Senhor: - Dá-me o lugar São Gregorino, que eu não to dei, eu emprestei-to. – Quem vai ó vento perde o seu assento.

Nisto foi julgado.

O Mar e a Lua foi contra o Senhor. O Sol e a Terra foi a favor do Senhor. E quando foi o julgamento, o Senhor disse pó Sol: - Tu Sol, serás a rosa mais brilhante em todo o mundo! Tu Terra, serás a terra que dá pão ós meus filhos! Tu Lua, andas adebaixo de todo o tempo! Tu Vento, soprarás de noite e de dia que nunca tens sossego! – E disse pó Mar: - E tu Mar, nunca terás sossego, nem de noite, nem de dia! – E ele é que respondeu pó Senhor: - Também hei-de comer muitas barbas! - E o Senhor disse-lhe: - Adebaixo do meu poder.”^{xx}

A rebeldia do Mar perante Deus é um tema frequente noutras mitologias. O Mar é ele próprio um deus por direito próprio, ou de onde surgiram os deuses, nas mais antigas mitologias, e a emergência de uma divindade superior obrigou à redefinição do seu papel nas várias mitologias até à sua subordinação.



Mas os mitos podem ser lidos de muitas maneiras. E há uma outra leitura que pode ser feita: quando São Gregorino diz para Deus: “Quem vai ao mar, perde o lugar”, a verdade é que a mesma expressão se ajusta a uma realidade social que é a da comunidade piscatória, onde a ausência do homem no mar, justifica o papel dominante da mulher, não só em casa, mas na comunidade em geral.

A clivagem masculino–feminino que marca profundamente a cultura dos pescadores da Nazaré pode ainda ser observada nas *cegadas*. Nas *cegadas*, enquanto o pescador, trajado a rigor é representado como uma figura austera, de porte altivo, e se canta a sua coragem na luta contra o mar e o seu passado de sacrifício, a mulher é representada como uma zaragateira, sempre envolvida nalguma discussão. Detentora do poder, é ela que deve carregar a culpa e servir de bode expiatório no altar onde a Imago do Pai é celebrada. E ainda que em contexto de inversão, o do Carnaval, é extraordinário como a comunidade, que segundos antes se ria às gargalhadas com as cenas hilariantes em que se ridiculariza a mulher, muda subitamente quando se evoca a figura do pescador, e o ambiente se torna solene - quase religioso.

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, R. (1956), “La causalité externe et la causalité interne dans l’explication sociologique”, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, nº 21, pp. 77-99.
- BERGER, P.; LUCKMANN, L. (1976), *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis, Vozes.
- BROGGER, J. (1992), *Pescadores e Pés-calçados*, Nazaré, Livraria Susy, 1992.
- COLE, Sally (1994), *Mulheres da Praia*, Lisboa, Dom Quixote, 1994.
- CUCHE, D. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa: Fim de Século, 1999.
- DAVID, Pierre *Psicanálise e Família*, Lisboa, Moraes Editores, 1977.
- DOUGLAS, Mary (1981), *De la Souillure – Essai sur les notions de pollution et de tabou*, Paris, François Maspero.
- DUMONT, Louis (1961), “Caste, race and “stratification: reflections of a social anthropologist”, in BÉTEILLE, André (org.), *Social Inequality*, Harmondsworth, New York, Penguin Books.
- FOUCAULT, Michel (1994), *História da Sexualidade, 3 vols*, Lisboa, Relógio d’Água.
- GILMORE, David D. (1990), *Manhood in the Making*, New Haven and London, Yale University Press.
- GRIGNON, Claude ; PASSERON, Jean Claude (1989) *Le Savant et le Populaire*, Paris, Gallimard/Le Seuil.
- LINTON, H.; BERLE, B. B.; GROSSI, M.; JACKSON, E. (1961), “Reaction of children within family groups as measured by the Bene – Anthony Test”, in *Journal of Mental Science* (B. J. P.), vol. CVII, pp. 308 – 325.
- MAUSS, Marcel (2004), *Sociologie et Anthropologie*, Paris, Quadrige/PUF.
- SANTO, Moisés Espírito (1984), *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Regra do Jogo.
- TÖNNIES, Ferdinand (1957), *Community and Society*, New York: Harper and Row.
- TRINDADE, José e PENTEADO, Pedro (2001), “A Nazaré e os seus Pescadores: entre as representações sociais e novas leituras histórico-antropológicas”, in *Oceanos*, 47/48, pp. 80 – 92.
- WEBER, Max (1947), *The Theory of Social and Economic Organization*, New York: The Free Press.
- WILLIS, Paul (1977), *Learning to Labour*, Hampshire: Gower Publishing Group.

- i Designação dada pelos naturais da Pederneira aos pescadores de Ílhavo.
- ii
- iii Embora a utilização do conceito de classe social seja objecto de intenso debate e de interpretações díspares, teremos oportunidade de ver adiante a pertinência da sua utilização.
- iv Designação que os pescadores dão à classe-média.
- v Membro da tripulação.
- vi A vida de embarcado na marinha mercante.
- vii O mesmo fenómeno de atribuição de uma identidade étnica distinta por parte da cultura dominante às comunidades piscatórias encontrei entre os madeirenses, para quem os pescadores do Caniçal teriam supostamente uma ascendência marroquina, atestada pelo tom de pele mais escuro e pela forma do rosto.
- viii O termo *enconado* remete para a concepção da casa entre os pescadores como um espaço feminino e o apego do rapaz à casa visto como algo nocivo para a afirmação da sua autonomia e masculinidade. A resistência da criança em sair de casa para ir brincar na rua era insistentemente combatida. Assim, o termo “*enconado*” é uma forma de combater a busca excessiva da protecção materna (cf. Gilmore, 1990, Malpique, 1990 e Santo, 1984).
- ix Esta era a idade em que os rapazes podiam obter a cédula marítima, antes das alterações legais dos anos noventa que levaram à proibição da entrada no mercado de trabalho antes dos dezasseis anos, em simultâneo com o alargamento da escolaridade para o nove anos.
 - x As famílias piscatórias encaminhavam habitualmente os filhos que sofriam de alguma debilidade física ou que durante a infância tinham tido alguma doença mais grave para empregos em terra, onde aprendiam uma profissão como artífices ou no comércio.
 - xi A residência próximo da família da esposa.
 - xii “*Ir fora*” significa ir vender peixe para outras povoações.
- xiii Desemaranhar os fios de pesca e voltar a acomodá-los enrolados dentro de uma gamela de madeira, cravando os anzóis nos rebordos de cortiça, prontos a receber a isca.
- xiv Refere-se à escola, onde se fazia o 2º ciclo ou ciclo preparatório.
- xv Entralhar os anzóis consiste em fixar os anzóis ao fio.
- xvi O fio guarnecido de anzóis.
 - xvii Esta versão foi-me contada por Joaquim Codinha Trindade.
 - xviii Cadiz
 - xix Pedro, José (1944) «A Nazaré (Excertos). Origem do seu nome e fundação». In *Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria, 23 a 26 de Setembro de 1943*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, , p. 126: “os homens são dotados de uma serenidade absoluta, conservando um olhar simples, quasi infantil. Bravos no mar, homens a valer, são na terra bondosos, tímidos, ingénuos, dominados completamente pelas mulheres”.
- xx Contado por uma peixeira, Maria Cândida Meca Galego. As vogais a negro não são pronunciadas.